

SHAKESPEARE NO BRASIL.

No dia 23 de abril de 1964 completaram-se quatrocentos anos que William Shakespeare, o maior gênio da Literatura Inglesa — e um dos maiores de todos os tempos e de tôdas as nações — nasceu.

Embora se saiba relativamente pouco da sua vida (mesmo o dia de nascimento não é bem certo, pois foi batizado em 26 de abril de 1564 e daí presume-se, geralmente, que o poeta nasceu no dia 23 dêsse mês), mais de quatrocentas autoridades foram consultadas a respeito da ortografia de seu nome, cêrca de trezentos confirmam que o nome “Shakespeare” é a forma certa, enquanto setenta e cinco inclinam-se para a ortografia “Shakespeare” e o resto julga “Shakspere” a forma correta, embora as teorias (não confirmadas) que não seria William Shakespeare, mas sim o estadista Francis Bacon (1561-1626), ou talvez o dramaturgo Christopher Marlowe (1564-1593), que nasceu no mesmo ano como Shakespeare, teriam sido os verdadeiros autores das suas obras. Não resta dúvida que William Shakespeare realmente existiu e realmente foi um dramaturgo bem conhecido no seu tempo, pois podem-se citar referências tanto favoráveis como desfavoráveis ao seu respeito em livros e poesias dos seus contemporâneos.

E como o mundo civilizado comemora em 1564 o seu aniversário, não nos parece inoportuno a publicação do seguinte estudo, que se ocupa com as referências nas obras de Shakespeare a respeito do Nôvo Mundo. Esse estudo é o mais completo possível, e segundo supomos, no Brasil êle é inédito e pode, conseqüentemente, ser considerado um “complemento” à publicação de **Shakespeare no Brasil** de Eugênio Gomes e de outros autores brasileiros, que se ocuparam dêsse assunto, tratando, porém, da questão sob o ponto de vista da influência exercida pelo grande poeta inglês sôbre os autores nacionais, ou fazendo um levantamento bibliográfico de tudo o que se escreveu em tôrno dêle no Brasil.

Tristão de Athayde fêz uma vez a seguinte observação: “Falta-nos agora fazer a investigação inversa, o Brasil, ou pe-

lo menos o Nôvo Mundo na obra de Shakespeare”. Eis aqui a resposta.

Em tôdas as 37 peças, nos sonetos e nas outras poesias do grande escritor inglês, não se encontra nenhuma referência direta ao Brasil, o que não é muito de se admirar, pois o conhecimento das Américas começou somente na época de Shakespeare que nasceu, como foi dito, em 1564 e chegou a Londres, aproximadamente, em 1585 ou 1586. Embora a primeira publicação sôbre a América fôsse editada, em inglês, como sabemos, em 1511, outras publicações se seguiram e pouco a pouco, sempre em número crescente, o homem comum, isto é, neste caso o “burguês inglês” que não estava por razões comerciais, militares ou políticas, ligado estritamente às explorações ultramarinas, não se preocupava muito com as “Índias” — sem nunca saber distinguir entre a “Índia Oriental” e a “Índia Ocidental”. Shakespeare, indiscutivelmente, deve ser contado nesse número de ingleses comuns.

O interêsse geral despertado na Inglaterra pelas descobertas inglesas, e naturalmente também pela dos portugueses e espanhóis na América, aumentou quando Richard Hakluyt (1552-1616) publicou em 1582 sua obra **Divers Voyages touching the discovery of America** e poucos anos depois, em 1589, **The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation**, uma obra que foi reeditada e muito ampliada em 1598-1600 e que continha as descrições de viagens de Sir John Hawkin à Guiné, na África, e à Índia Ocidental, bem como relatórios sôbre as viagens de Drake, realizadas entre 1570 e 1572.

Samuel Purchas (1575?-1626) que colaborou com Hakluyt, muito provavelmente conhecia o grande dramaturgo inglês pessoalmente. E que Shakespeare estava familiarizado com as publicações de Hakluyt parece estar fora de dúvida, pois expressões que se encontram nas publicações de Hakluyt, são repetidas em certas peças de Shakespeare.

Se considerarmos por um lado o fato, que tudo o que se relacionava com as descobertas e explorações daqueles tempos precisava às vêzes de anos para que o “homem comum” tomasse delas conhecimento, pois os meios de divulgação eram muito **mais primitivos**, não se conhecia ainda a imprensa regular, **muito menos ainda o rádio ou a televisão**. Não devemos nos esquecer também de que Shakespeare freqüentava a famosa “Taverna da Mermaid”, em Londres, na Broad Street, com uma entrada pela Friday Street, onde Sir Walter Raleigh fundou um

dos primeiros “clubes” com fins de intercâmbio cultural a respeito de viagens, literatura, etc. Esse clube foi freqüentado não somente por Shakespeare e os seus colegas do *métier*, como Beaumont (1584-1616) e Fletcher (1579-1625), mas também por cientistas, advogados, artistas e gente como John Donne (1572-1631), secretário de Sir T. Egerton, **keeper of the Great Seal** (isto é, Secretário de Estado), que participou das duas explorações do Conde Essex às Ilhas dos Açores (1596 e 1597). Também John Selden (1584-1654), um eminente advogado e possuidor de uma valiosa coleção de manuscritos orientais, pertenceu a esse clube, cujos membros recebiam, não raras vêzes, cartas de outras partes do mundo, como a famosa carta de Thomas Coryate (1577?-1617) que iniciou, em 1612, uma viagem à Ásia, e dirigiu uma carta da côrte do Grão Mogol aos seus amigos na **Mormaid Tavern**. É possível que esta carta não tenha chegado ao conhecimento de Shakespeare, que nessa época se retirara de Londres, porém o fato em si é interessante, pois prova que os fregueses da **Mormaid Tavern** tinham “relações internacionais” bem extensas. Temos também interessantes informações sobre essa época e sabemos que, por exemplo, no outono de 1597 a cidade de Londres estava cheia de marinheiros que tinham voltado da expedição de Essex, e era natural que essa gente procurasse um “auditório” nas famosas tavernas londrinas, onde, em recompensa pelas suas maravilhosas narrativas, recebessem alguma bebida.

Que Shakespeare possuía um conhecimento fora do comum, tanto da história, como da mitologia, da Bíblia e da literatura em geral da sua época, nota-se nas inúmeras referências nas suas peças; sabemos também que tinha conhecimento do latim (e bem provavelmente do francês, de maneira suficiente para poder lê-lo).

Para êle, naturalmente, as referências geográficas — caso a peça não se desenvolvesse em lugares bem definidos — eram somente “meios” e não “fins”, e daí em geral, essas referências não serem muito exatas.

Estudemos agora os casos, nos quais Shakespeare nas suas obras se refere diretamente à América, ou, em forma mais generalizada, às Índias. As investigações, de comum acôrdo com o **The Reading Room do British Museum** em Londres, resultaram em seis “citações”.

1). — **The Comody of Errors, Act IV, Sc. 1.** — “... **Where América, the Inndiens**” — Neste caso, parece-nos, que Shakespeare cometeu um anacronismo, pois a ação da peça se passa

bem antes da descoberta da América, porém para o nosso poeta a referência geográfica era somente “meio” e não “fim”, como já foi dito.

2). — **The Merchant of Venice, Act III, sc. 1.** — “...from Tripolis, from Mexico and England, from Lisbon, Barbary and Índia”. Aqui, sem dúvida, encontra-se uma oportunidade maior do que na maioria das obras de Shakespeare, que se ocupam em geral com a história inglêsa antes da descoberta da América, com assuntos mitológicos ou acontecimentos da época clássica (grega ou romana), pois o **royal merchant Antonio** tinha os seus navios em tôdas as partes do mundo, porém a única referência direta ao nosso continente é feita a respeito do México.

3). — **The Tempest, Act 1, sc. 2.** — “The still vex'd Bermoothes” (Bermudas). A interpretação geral destas linhas é que Shakespeare aproveitou, nesta peça, de detalhes do naufragio nas Bermudas do navio **Sea Venture** (de Sir G. Somer) em julho de 1609, pois a peça foi escrita **circa** de 1611. William Strachey, que acompanhou Sir G. Somer na assim-chamada **Virginia Expedition** e que alcançou a Virgínia em 1610, escreveu uma carta, na qual mencionou o naufragio. Esta descrição encontra-se numa publicação de Purchas, feita em 1625, porém é bem possível que Shakespeare tenha tido conhecimento do original da carta de que se serviu na sua peça.

A referência à **Setebos**, um deus adorado pela mãe de Caliban, encontra o seu fundamento numa descrição da Patagônia feita por Pigafetta. Esta descrição tinha sido traduzida por Drake e Cavendish também tinham visitado a Patagônia, quando Shakespeare escreveu **The Tempest**.

4). — **The Merry Wives of Windsor — Act 1, sc. 3.** — “...they shall be my East and West Indies”. Também neste caso a referência às Índias seria um anacronismo se Sir John Falstaff fôsse a mesma personagem da peça de **Henry IV** (o que não se duvida) pois as **West Indies** não estavam ainda descobertas na época de Henrique IV (1399-1413).

5). — **The Twelfth Night — Act III, sc. 2.** — “...he doth smile with his face into more lines than are in the new map with the augmentation of the Indies”. — Shakespeare escreveu esta peça aproximadamente em 1600 e refere-se nela ao mapa publicado por Hakluyt em 1589, que foi bem conhecido na época. O autor do mesmo era Emmeric Mollineux, que

também confeccionou o primeiro globo terrestre feito por um inglês.

6). — **Henry VIII — Act IV, sc. 1.** — “...**Our king has all the Indies in his arms...**”; esta referência na peça, escrita provavelmente em colaboração com Fletcher, e representada no palco pela primeira vez em 1613, enquadra-se nas referências anteriores das Índias.

*

Não foram consideradas, nas nossas investigações, as referências aos “antropófagos”, pois êstes viviam na época de Shakespeare em muitas partes do mundo. Seja mencionado aqui, como um exemplo o trecho de **Othello, Act I, sc. :**

“And of the Cannibals, that each other eat,
The Antropophagi, and men, whose heads
do grow beneath their shoulders”.

Aqui, indiscutivelmente, Shakespeare baseia-se numa descrição de Sir Walter Raleigh, fundador do já mencionado “Clube da Friday Street”, da **Mormaid Tavern**, e autor do **Report of the Truth of the Fight about the Isles of the Azores** (1591) e **The Discovery of the Empyre of Guinea** (1596) que fala da raça dos ewaipanoma, que tinham “olhos nos seus ombros e bôcas nos seus intestinos”. Porém estas referências já não mais se enquadram no nosso tema.

O interêsse geral da América, por parte do povo inglês, aumentou somente depois do estabelecimento das suas primeiras colônias no solo norte-americano, e de modo especial depois da fundação da Virgínia e do Massachussets.

Porém, quando as notícias mais completas a respeito da primeira chegaram à Inglaterra, Shakespeare já se havia retirado de Londres e logo morreu, em 1616, e a segunda colônia, a dos famosos “peregrinos” (**Pilgrim Fathers**) foi fundada somente depois da sua morte.

De qualquer modo, a própria existência de referências à América já é uma prova eloqüente dos grandes conhecimentos do gênio que foi Shakespeare, que se serviu, nas suas obras, de quase tudo o que estava ao alcance dos homens mais eruditos da Renascença.

ENRICO SCHAEFFER

Professor de Língua e Literatura Inglesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Taubaté.

BIBLIOGRAFIA.

Shakespeare, **Complete works.**

Israel Golanoz, **The Temple Notes.**

Gustav Landauer, **Shakespeare**, 2 volumes.

The Oxford Companion to English Literature.

The Cambridge History of English Literature, volumes IV e V.

George Freedley and John A. Reeves, **A History of the Theatre.**

Eugênio Gomes, **Shakespeare no Brasil.**

Tristão de Athayde, **Shakespeare no Brasil**, in jornal "Fôlha de São Paulo", 1 de junho de 1962.

Henry Ludecke, **Die Englische Literatur.**

Otis and Needleman, **A Survey History of English Literature.**